

## Do caixão á cova ao caixão ao forno

Aumentaram os modos de vida. E os modos de morte deviam por isso aumentar tambem. Mesmo para a nossa instalação na outra vida, era natural que outras formas se adoptassem. Daí o apparecimento dos fornos crematorios. Antigamente qualquer candidato a cadaver, por mais exquisito ou exigente que fôsse, tinha de contentar-se com as formas arcaicas do caixão à cova, do jazigo de familia ou da vala comum.

E os pobres vermes tinham de nos engulir ao natural e sem tempero.

Agora não. Já podemos ir ao forno e servir-mo-nos à bicharada mais ou menos passados pelas brazas, segundo as predilecções de cada um.

Poderemos previamente determinar qual a forma por que desejamos que nos apresentem e nos sirvam na eternidade ; mais ou menos torrados, com mais ou menos tempero, mais secos ou com mais mólho.

Tudo dependerá do nosso gosto e das nossas previas disposições nesse sentido.

Motivo porque doravante os testamentos, apresentarão em parte o aspecto de receitas de cosinha e serão de futuro exigidas aos notarios, umas noções gerais de culinaria.

Isto porque os testamentos na parte referente às disposições funebres, conterão trechos como este :

... Mais disponho que o meu corpo vá ao forno... crematorio, depois de barrado com manteiga fresca, se fôr no verão, devendo ficar bem tostado, etc.

E este :

...mais determino que depois de bem assado, me deixem ficar de conserva no taboleiro, a fim de poder ser servido frio, etc. E ainda este :

... e desejo que depois dalgum tempo em vinha de alhos, me ponham na grelha, sendo o meu corpo «sauté à la broche (à la broche por causa do calor, é claro).

Emfim, uma enorme variedade de petiscos podemos fornecer, principalmente se desejarmos ser servidos por partes, aproveitando separadamente os miolos que, forçoso é dizê-lo, nalguns serão talvez muito inferiores aos de carneiro ; as belas costeletas, a boa lingua (que raros estão habilitados a fornecer e que no sexo fragil será um petisco rarissimo) ; as mãozinhas e os presuntos (que em muitos difficilmente se poderão distinguir) ; e finalmente a orelha, que nos menos aceados poderá rivalizar com a de porco.

\* \* \*

A par de todas estas vantagens conseguimos tambem maior conforto na eternidade; teremos chauffage na outra vida, não devendo assustar-nos portanto de futuro, o frio da morte.

A muitos custará, de certo, habituarem-se à ideia de ter um destino igual por exemplo, ao dos charutos. Queimados, feitos cinza...

Mas pensando bem e dada a carestia dos funerais, que enorme, que grande economia representa para os vivos, esse destino dado aos mortos.

Em lugar da urna de mogno carissima, bastar-nos-há um simples e modico cinzeiro.

\* \* \*

A-pezar de todas estas vantagens incontestaveis, uma opposição tenaz tem sido feita a esta inovação.

Dizia-me há tempos um amigo:

— Argumenta-se que por esta forma no dia do Juizo Final, quando soar a trombeta de Jericó, as almas se não poderão juntar aos corpos, por eles terem desaparecido queimados, feitos cinza.

— A verdade é que, pelos velhos processos, — respondi, — o final será o mesmo; simplesmente um pouco mais lento e demorado; tudo vinha

tambem a acabar em cinza, em pó; e a-pezar disso, ninguém até agora punha em duvida, que no dia aprazado os corpos lá se encontrariam.

— Mas admitindo que assim não fôsse — tornou o meu amigo — admitindo como bom esse argumento, não vejo qual o inconveniente que daí possa advir, para aquella assembleia magna, que a igreja espera há tanto tempo? Sim, o que poderá acontecer? Que ao fazerem a chamada, quando perguntarem pelo Sr. Fulano de tal, respondam: falta; e o Sr. Cicrano? Falta. E o Sr. Beltrano? Falta. Mas o que tem isso? Mesmo que no dia do juizo final, o Jericó ao tocar a trombeta, a sirene ou a buzina ou quem sabe mesmo se a campainha electrica ou qualquer outro aparelho então em uso, e ao fazer a chamada, verificar que falta muita gente, não vai de-certo encerrar a sessão por falta de numero.

— Eu sei lá.

— Qual historia. Será até um beneficio, porque muita gente junta não se salva; e doutra forma comparecendo todos, seria uma tal confusão, uma tal mistura, um tal chinfrim, que o dia do juizo final, passaria a ser afinal o da falta dele.

Não soube que contestar-lhe, porque na verdade a avaliar pela desordem das outras assembleias, esta, onde todos pretenderão justificar-se ao mesmo tempo, deve ser uma coisa pavorosa.

\*

\* \*

Mas não está em nossos hábitos falar em coisas tristes e já me sinto com o ar proprio duma visita de pesames.

A pena habituada a rir, recusa-se a acompanhar este relato até ao seu ultimo alento, até ao derradeiro ponto final.

Como falei de morte, invadiu-me logo uma tristeza imensa; as frases a tinta negra, teem um aspecto funebre, de luto pesado, pezadissimo; já cada virgula me parece uma sentida lagrima e cada exclamação um verdadeiro pingo de tocha!

Emfim uma prosa que ficará bem, numa quarta-feira de cinzas.

Só não resisto à tentação de fantaziar algumas das scenas curiosissimas a que de futuro poderemos assistir; os inesperados, ineditos aspectos que certos funerais nos hão de apresentar:

No cemiterio um dos parentes que não poudo acompanhar o enterro, chega apressado, ofegante e pergunta com a voz entrecortada de soluços, a uma senhora que tambem soluça copiosamente:

— Então, então... já não... chego... a tempo... de o ver, não é verdade?

— Pois não... o Sr. General... deve... estar já a sair do forno...

— Oh! que pena. Logo vi que chegava tarde.  
E como é que o fazem?

— Na grelha, sr. coronel, na grelha...

Uma voz perto:

— Mas porque esperam?

— O Coelho ainda não está bem assado.

Uma senhora idosa:

— E' um prato de que não gosto.

— Não, refiro-me ao general Coelho da Silva.

— Ah! Desse gostava bastante. Que grande desgraça. (chora). Ainda se ao menos ficar bem temperado.

Uma outra voz:

— Tenho as minhas duvidas. Olhe parece que já cheira a bispo.

Uma voz do lado explicando, soluçante.

— Não admira, é porque tinham assado antes um eclesiastico.

Noutro funeral:

Estão perto do forno varios convidados; uma que chega, de certo amiga... de Peniche, da falecida:

— Então ainda falta muito?

— Não, já está quasi córada.

— O quê, diz a recémchegada, boquiaberta de puro espanto, será possível? Não acredito. Córada? Isso sim! Ela que em vida nunca corou perante as maiores inconveniencias, ia agora córar depois de morta??!!

## Algumas das maravilhas do futuro previstas por um presente

Este seculo de progresso e de maravilhosas descobertas é fatal para muitos espiritos fracos e produz por vezes, nas imaginações mais incandescentes, os mais estranhos fogachos de previsão.

O meu amigo Inocencio é destes ultimos.

As grandes invenções e descobertas, fazem-lhe perder a cabeça e fantaziar-lhes os mais avançados e longinquos resultados. Um dia encontrei-o radiante com um jornal na mão.

E sem me dar tempo ao minimo inquerito, sobre a causa da sua alegria excepcional, disse-me logo, num transporte :

— Então que me diz à maravilhosa descoberta ? E que extraordinaria revolução decerto vai fazer.

— Isso deve ser boato, contestei, supondo tratar-se de politica.

— Qual boato ! Tambem o meu amigo não acredita em coisa alguma ! Perante uma operação feita na presença de tantas sumidades, de tão illustres

medicos e com tão perfeito resultado, não ha que duvidar. Foi uma verdadeira ressurreição!!!!...

\*

\*       \*

Vi então que todo o seu entusiasmo provinha da noticia vinda a publico, acerca da experiencia feita em Roma, por um medico que conseguiu ressuscitar por 2 ou 3 horas, à força de injecções, um cliente morto pouco antes.

-- Mas, disse eu então, não vejo em que tal facto possa beneficiar o meu amigo e dar-lhe toda essa alegria que traz hoje. O interesse do medico em ressuscitar o doente ainda talvez se compreenda, para o obrigar a pagar-lhe a conta; quanto ao mais...

— Ora essa fez ele indignado. Veja o que isto representa! Um morto, um cadaver enfim, em toda a acepção da palavra, sentar-se de novo na cama e na vida, comer ainda uma refeição e só depois de bem replecto entrar de novo na agonia!!...

— E enfão, meu caro Inocencio, que satisfação podemos ter com a probabilidade duma agonia em duplicado? E de resto, só para comer mais um almoço ou um jantar, deve concordar que não nos vale a pena. Não nos traz vantagem nenhuma. Pelo contrario, só nos traz a despesa de mais essa refeição.



— Não diga isso, tornou ele ; repare na maravilha ! Uma criatura que já tinha entrado na eternidade, voltar novamente à vida !!...

— Já reparei, mas continuo na minha. Não vejo que vantagem possa ter em andar para traz e para diante, nessas entradas e saídas. Isso até nos pode trazer graves inconvenientes. Com esse jogo de porta, S. Pedro acabará por se aborrecer e dizer-nos, aliás com carradas de razão : « Mas afinal você entra ou não entra ? » E sujeitamo-nos a que numa dessas contradanças de ida e volta, ele acabe, por fim, irritado, por nos dar com a porta na cara.

— Ora, sempre ha-de haver uma aberta.

— E a confusão que isso vai dar á porta do paraíso. Uns a entrar, outros a sair.

— E' fácil de remediar com 2 ou 3 sinaleiros, e umas senhas de saída para evitar as confusões. De resto o meu amigo não viu ainda bem os grandes beneficios que esta descoberta nos trará.

— Mas quais ?

— Olhe este, por exemplo : E' claro que da primeira arremetida da morte ninguem se livra. Não estamos prevenidos e depois de entrarmos na agonia não temos outro remedio senão marchar. Mas suponha que voltamos á vida e então, escaldados como estamos da primeira, podemos tomar as nossas precauções. E não será possível evitar a segunda agonia, por exemplo, com um pouco de agua de Vidago ?

— Ora o meu caro Inocencio que está hoje de bom humor. E eu a tomá-lo a serio.

— Mas não, prosseguiu ele no mesmo tom. Não estou brincando e creio que tal descoberta, como todas as outras, pode ser aperfeiçoada e dar-nos ainda muito maiores e melhores vantagens e resultados.

«E' claro que pelo facto de a primeira experiencia dar apenas uma ressurreição por 2 ou 3 horas, não quiere dizer que não possa, com o progresso, chegar a manter-se durante dias e talvez durante meses. E sendo assim, que extraordinarios resultados podemos obter!!...

— Só vejo o de voltarmos á vida para termos a certeza de que não paramos por cá muito tempo, ou melhor, de que temos apenas uma segunda vida a curto prazo. E então que serie de tropelias teremos de aturar aos varios ressuscitados.

— Mas não devemos encarar as coisas apenas pelo seu lado mau, tornou renitente o Inocencio. Suponha agora um morto abastado, a quem os herdeiros desejaram a morte e que volta a procurá-los, quando eles começavam já a gozar as delicias da sua enorme fortuna. Calcule, que decepção!

— Na verdade, que decepção e que tremenda confusão isso vai dar. De resto, talvez não dê, porque quando isso fôr corrente, já ninguem conta com sapatos de defunto, senão quando ele estiver morto e bem morto, ou melhor, quando ele tenha

passado a ultima, a irrevogavel agonia. A não ser que em certos casos, os herdeiros comecem a meter no forno crematorio os parentes abastados, a-fim de se garantirem contra possiveis passamentos de ida e volta.

— Mas há mais e melhor, — garantiu ainda o Inocencio.

— E melhor, é conforme. No caso que abordámos, será mais e pior... para os herdeiros.

— Ora suponha agora o effeito sensacional, o effeito estupendo, de final de acto, de podermos ver, no julgamento dum grande crime de homicidio, quando a defeza estiver quasi a provar a innocencia do acusado, surgir inesperadamente a propria vitima a fazer o seu depoimento pessoal, pondo tudo em pratos limpos !

— Sim, nesse caso o reu só terá uma saida. Bradar que a vitima pretendia apenas prejudicá-lo e tanto assim que se fingiu morto para o entalar. E nessa altura matá-lo de novo... em legitima defeza. E então digo-lhe que se o ex-cada-ver não vem prevenido com o tal quarto de Vidago, não tem outro remedio senão morrer definitivamente e ainda por cima com a fama de caluniador e talvez multado como litigante de má fé. Ora, como vê, as vantagens não são grandes.

— Ora, meu caro amigo, — fez o Inocencio desolado, — se encararmos as coisas por esse prisma, é claro que não temos nada feito.

— Tenho pena de o desgostar, — tornei mais uma vez, — mas se não tem outras vantagens a recomendar a descoberta, parece-me que o melhor é morreremos logo da primeira. De resto, deixe-me ainda lembrar-lhe um outro inconveniente. Com duas mortes — ou talvez mais, conforme o progresso — e ao preço a que estão os funerais, veja por quanto isso nos saía.

— Pois aí é que está o seu principal engano e a maior vantagem da invenção. A vantagem economica, — bradou o Inocencio.

— Mas como?

— Muito simplesmente. Quando a morte nos surpreende a primeira vez, é possível, como vimos, fazer-nos imediatamente voltar à vida. E então já voltamos prevenidos com esse primeiro aviso e sabemos também o tempo de que podemos dispor. E assim podemos tratar de tudo com vagar, evitar as confusões desses momentos e dispensar até as pompas funebres.

«Na altura propria, acompanharemos por nosso pé o nosso proprio funeral, em derradeiro e comovido cavaco com todos os nossos amigos, conhecidos e parentes, que em qualquer dos casos nos acompanhariam à nossa ultima morada, mas sem necessidade de carretas, gatos pingados e outros inuteis luxos hoje usados.

«Até de electrico se poderá fazer o funeral. E desta forma será vulgar vermos depois num carro varios convidados de luto pesado, em compungido

paleio uns com os outros. E bastará então perguntar ao condutor :

— Quem é o morto ?

— E' aquele sujeito que há pouco me pediu uma mortalha e vai acolá no banco da frente, a fazer um cigarro d'onça.

Depois chegado à sua ultima morada, o morto tem ainda a grande vantagem de não ter que suportar discursos, porque poucos terão coragem de impingir os varios palões da praxe e as frases hipocritas do estilo, temendo que o morto, que os conhece de gingeira, lhes responda à letra, confrontando o procedimento que para com ele tiveram enquanto vivo, com as palavras que lhe dedicam depois de morto. E sem mais demoras o falecido, com as coroas todas enfiadas no braço, procurará no molho das chaves a que serve no jazigo ; e despedindo-se de todos comovidamente, como convem à circumstancia, partirá para a vida eterna, como quem parte para uma grande viagem, fechando a porta do jazigo como quem fecha a porta do vagon e dizendo-nos depois adeus, lá de dentro, com o lenço. Como vê, tudo o que há de mais pratico, simples e economico...

\*

\*

\*

Eu, perante a descrição desse modernissimo passamento, estava, na verdade, passado. E des-

pedindo-me apressado do Inocencio, apenas tive animo para lhe dizer :

— Bem se vê que o meu amigo não é socio de nenhuma agencia funeraria.

## A ultima palavra na industria dos meninos

O meu amigo Inocencio, ao ler ha tempos num jornal uma espirituosa cronica do meu colega Norberto Lopes sobre o terceiro sexo, ficou perplexo e alarmado e veio logo procurar-me.

Como sempre, quando se trata de qualquer descoberta sensacional, de noticia que lhe dá no gotto ou cujo alcance e sentido não atinge, vem logo trocar impressões comigo. É um habito como qualquer outro, e não lho levo a mal. Mas como tambem não lhe levo nada pela consulta, a sua curiosidade é sempre de força de trinta senhoras vizinhas e o seu interrogatorio nunca mais pára, enquanto não o travo, fechando com decisão a torneira das respostas.

Desta vez foi quasi necessario amordaçá-lo.

A historia do terceiro sexo e a possibilidade de nas encomendas, quer postais quer telegraficas, de meudos importados de França, se poder préviamente fixar o respectivo sexo, deixou-o transornado.

A possibilidade de se poder em tais negocios

fixar ao mesmo tempo, na factura, o cambio e o sexo da encomenda, deslumbrou-o.

Mas por outro lado, ao ver que do facto de não estarem os papás porventura de acordo, quanto ao segundo ponto, podia resultar a importação de um papo sêco, do tal terceiro sexo, pensou que como geralmente os pais raras vezes concordam nestes casos, isto trará como inevitavel consequencia um futuro superavit de exemplares desse terceiro sexo e vão haver decerto p'r'aí papos secos por uma pá velha.

Tranquilisei-o o melhor que me foi possivel, supondo que apenas disto dependiam as suas apreensões, mas constatei que elas afinal iam mais longe.

Ao ler a parte que na aludida cronica se referia à hipotese dos governos, a-fim de restabelecerem no senso da população o equilibrio numerico entre os dois sexos, decretarem a obrigatoridade de importação exclusiva de qualquer deles, o meu amigo ficou pior que polvora e referindo-se ao caso, comentou, indignado:

— Isto é uma violencia, não há direito de intervir nas compras ou nas encomendas particulares de cada um...

— Mas pode estar tranquillo — disse-lhe então para o acalmar — trata-se duma simples hipotese e quasi posso garantir que o governo não chegará a occupar-se desse assunto. Tem muito mais que fazer.



— Eu sei lá. Demais, estamos em ditadura e dum momento para o outro pode sair uma lei nesse sentido. Calcule, portanto, a maçada e o desassocêgo que isso nos vai trazer. Daqui para o futuro é sempre conveniente ler à cautela o «Diario do Governo», antes de fazer qualquer encomenda desse genero.

— Não acho uma leitura muito aconselhavel nesses casos, mas, enfim, você fará o que entender.

— Qual, meu amigo, eu nestas coisas gosto sempre de ir pelo seguro. O que eu não posso perceber, o que me faz confusão, o que me intriga, o que eu gostaria que me explicassem, é a forma adoptada pelo tal Dr. Pichezzi, a que a noticia se refere, para conseguir uma coisa dessas?

— Não sei, mas parece-me que tudo deve depender do preenchimento da factura da encomenda ou da forma de fazer a requisição.

— Pois bem; mas gostava de saber essa forma especial de encher tais requisições...

— Depende talvez da tinta ou do papel em que se escrevam, ou da redacção que se lhes der, da forma por que se escrever. Eu, se fosse ao meu amigo, escrevia primeiro ao tal Dr. Pichezzi, a fim de ficar ilucidado e poder depois fazer já Pichezzicamente a sua primeira requisição.

— E' bem lembrado; vou já escrever para a Italia, porque na verdade, aquela cronica de domingo deixou-me pleno da natural curiosidade,

de conhecer a descoberta em todos os seus pormenores, por menores que eles fossem.

«Fiquei também apreensivo com a confusão que isto vai dar, a ponto de se poder repetir até, segundo a referida crônica, o rapto das Sabinas; isso deixou-me alarmado, se bem que me pareça que não conheci essas pequenas, nem de resto me lembro de ter visto o caso nos jornais.

— Sim, não deve lembrar-se delas; parece-me que já não serão do seu tempo. Quantos seculos tem você?

— Costumo comprar apenas um todos os dias.

— Dessa forma, se você também costuma incluir desses seculos na certidão de idade, então talvez ainda tenha andado com elas nalgum collegio de *Troia*.

— Não; só andei num collegio da Camara; mas não era daqueles «para meninos e meninas de ambos os sexos».

— Sim, nesse tempo eram mais raros; andavam os meninos e meninas separados. Agora já os há para ambos os sexos; e com a descoberta do sabio italiano e as possiveis consequencias que lhe prevê o cronista, teremos até, com certeza, de futuro, collegios «para meninos e meninas de todos os sexos», incluindo o neutro.

— E' certo, o futuro deve trazer grandes modificações e muito maiores surpresas. Mas voltando mais uma vez à crônica do seu colega, devo confessar-lhe que a sua leitura, além de me deixar

apreensivo e cheio de curiosidade, como já viu, me trouxe grandes revelações, que me deixaram aborrecido, por não ter tido conhecimento delas há mais tempo.

— Mas o que foi?

— Então não leu «que segundo as estatísticas, para cada homem há uma media de três mulheres e um quarto». Ora se eu tenho adivinhado, meu caro amigo, se alguém me tem prevenido a tempo, que para cada homem havia três mulheres e um quarto, garanto-lhe que mesmo que o quarto não fosse independente, não tinha andado aflito com a crise de habitação, nem mesmo me tinha casado porque já estava muito bem servido! E tinha vivido num paraíso, num ceu aberto.

— Mas Inocencio, veja bem; se 3 mulheres no mesmo predio, já é um caso complicado para um homem só, não tenha duvida que três mulheres no mesmo quarto lhe transformavam, com certeza, qualquer paraíso, num verdadeiro inferno.

The first of these is the fact that the
 medical profession has been
 largely unorganized and
 uncoordinated in its
 efforts to improve the
 public health. This has
 resulted in a lack of
 uniformity in the
 standards of medical
 practice and in the
 quality of medical
 education. The second
 factor is the fact that
 the medical profession
 has been largely
 uninterested in the
 social and economic
 conditions which
 affect the health of
 the community. The
 third factor is the
 fact that the medical
 profession has been
 largely uninterested
 in the prevention of
 disease and in the
 care of the sick.

## Alguns inconvenientes do progresso

Como já disse, o Inocencio fica transtornado perante as grandes invenções.

Teve ha dias nova crise. Contaram-lhe na Repartição onde trabalha (o menos que lhe é possível, já se vê) a grande descoberta da transmissão de fotografias e documentos pela telegrafia sem fios.

Nesse dia nem trabalhou, deliciado com a ideia de poder talvez no futuro desempenhar a sua ardua tarefa de assinar o ponto, mesmo na cama, pela telegrafia sem fios, mas com vencimentos por inteiro.

E, como sempre, começou a fantasiar os varios prós e os varios contras da invenção ; foi nessas terriveis locubrações que o encontrei.

— Então já sabe ? — disse-me ele.

— Você ainda não me contou nada.

— Falo da grande descoberta, da transmissão de fotografias, jornais e escritos a distancia...

— Isso é velho. Pelo correio é facilimo.

— Mas sem fios, meu amigo...

— Desatados.

— Não, pela telegrafia sem fios, sem fios nenhuns; é maravilhoso! Li há dias nos jornais as varias experiencias que se teem feito.

— Sim, eu tambem vi.

— E então que lhe parece?

— Parece-me que não venho a ganhar nada com isso. Estas invenções não nos devem trazer grandes vantagens; pelo contrario.

— Ora essa! Uma economia no futuro. Tudo sem fios.

— Não é grande vantagem. Isto já está tudo por um fio.

— Mas é que não pensa na rapidez, na facilidade das communicações.

— Penso apenas nas difficuldades que nos vai trazer e nos embaraços em que uma coisa dessas nos pode colocar...

— Mas como?

— Pois não vê que com o progresso de semelhantes descobertas, com o aperfeiçoamento de semelhantes invenções, nunca mais pode haver segredos, combinações secretas, coisas confidentiais. Há depois sempre o perigo de termos perto, um desses aparelhos indiscretos. Então é que as paredes não terão apenas ouvidos como agora, mas varios outros sentidos apurados. Já depois você, Inocencio, não poderá pôr pé em ramo verde e estará sempre de pé atraz, quando pense nalgum pé de alferes, não vá a sua mulher ficar com a pedra no sapato, por via dalgum desses inventos

que esteja ao pé de si e lhe ponha o «ménage» em pé de guerra.

— Tem razão ; não tinha pensado em tais precalços, que são na verdade de prever. Minha mulher transformada em «Je Sais Tout» era o diabo. Se ela assim já é um «Je sais quasi tudo», o que será depois e o que será de mim.

— Não tenha duvida. Mais tarde, com este crescendo de progresso, os segredos, os misterios, são impossiveis. Depois será tudo publico e notorio. As guerras vão complicar-se com a revelação dos planos, dos documentos, que não poderão occultar-se, que atravessarão as fronteiras, sem que ninguem possa dar por eles.

— Estou a ver que mesmo a paz, principalmente a paz do lar, vai ser um pouco complicada.

— Há muitas coisas que depois acabam, outras que se tornam inuteis. Para que servirão os correios, os telegrafos, os telefones?

— Que pena. Lá se vão as cartinhas perfumadas, as frases ternas, que era tão agradável receber. Aquelas pieguices dos velhos tempos: «nas ondas dos teus cabelos»...

— Agora já nem os cabelos, nem as ondas.

— E depois será tudo em ondas hertzianas.

— Ora veja que prosaismo. Não, meu amigo, decididamente todas estas coisas veem tirar o encanto, a beleza, a poesia, que a vida tem. Tudo artificial, tudo mecanico, tudo material, tudo prosaico.

— O que eu não compreendo é como se pode transmitir a distancia uma fotografia, um documento?

— Consegue-se empregando o silenio.

— Esse já está empregado.

— O que me diz !

— Sim, lá no Ministerio. O Silénio da Silva foi nomeado para a 2.<sup>a</sup> secção da 8.<sup>a</sup> Repartição da Direcção Geral da Fiscalização Tecnica dos Portos, Docas e Caminhos de Ferro dos...

— Etc., não ponha mais na carta. E' uma daquelas repartições em que os funcionarios, para lhe escreverem o nome, gastam as horas do expediente quasi todas...

— Bem vê, é uma forma de lhes darem que fazer.

— Mas eu referia-me ao produto empregado para conseguir a transmissão de que falou...

— Ah! Compreendo. Desculpe a distracção. Esta cabeça!

— Anda um pouco electrizada, compreendo.

— Se lhe parece; tenho andado a fantasiar o que será tudo isto no futuro. A facilidade de communicações. Todos poderão trazer aparelhos portateis de telegrafia sem fios e qualquer de nós poderá estar em contacto permanente com todo o mundo...

— E até com aqueles de quem desejaria andar mais afastado.

— E o tom moderno, ultra-civilizado que todos



nós teremos ; com os respectivos aparelhos no chapéu, por exemplo ; e os respectivos auscultadores perpetuamente nos ouvidos ; e o permanente conhecimento de tudo o que se vai passando em todo o mundo, sem necessidade dos jornais...

— Deve fazer um belo efeito...

— Não tenha duvida. Já ninguém deixará de andar apetrechado com os seus aparelhos e as respectivas antenas...

— Há já muito quem use.

— Creia, meu amigo, ninguém pode prever ao que esta coisa da telegrafia sem fios pode chegar. O que será possível fazer com tal invento, a avaliar pelas constantes applicações que lhe estão dando.

— Comunicar mesmo com o alem...

— E alem disso muito mais. O que já se tem feito, autoriza-nos a supor que muitas outras coisas se podem transmitir por essa forma.

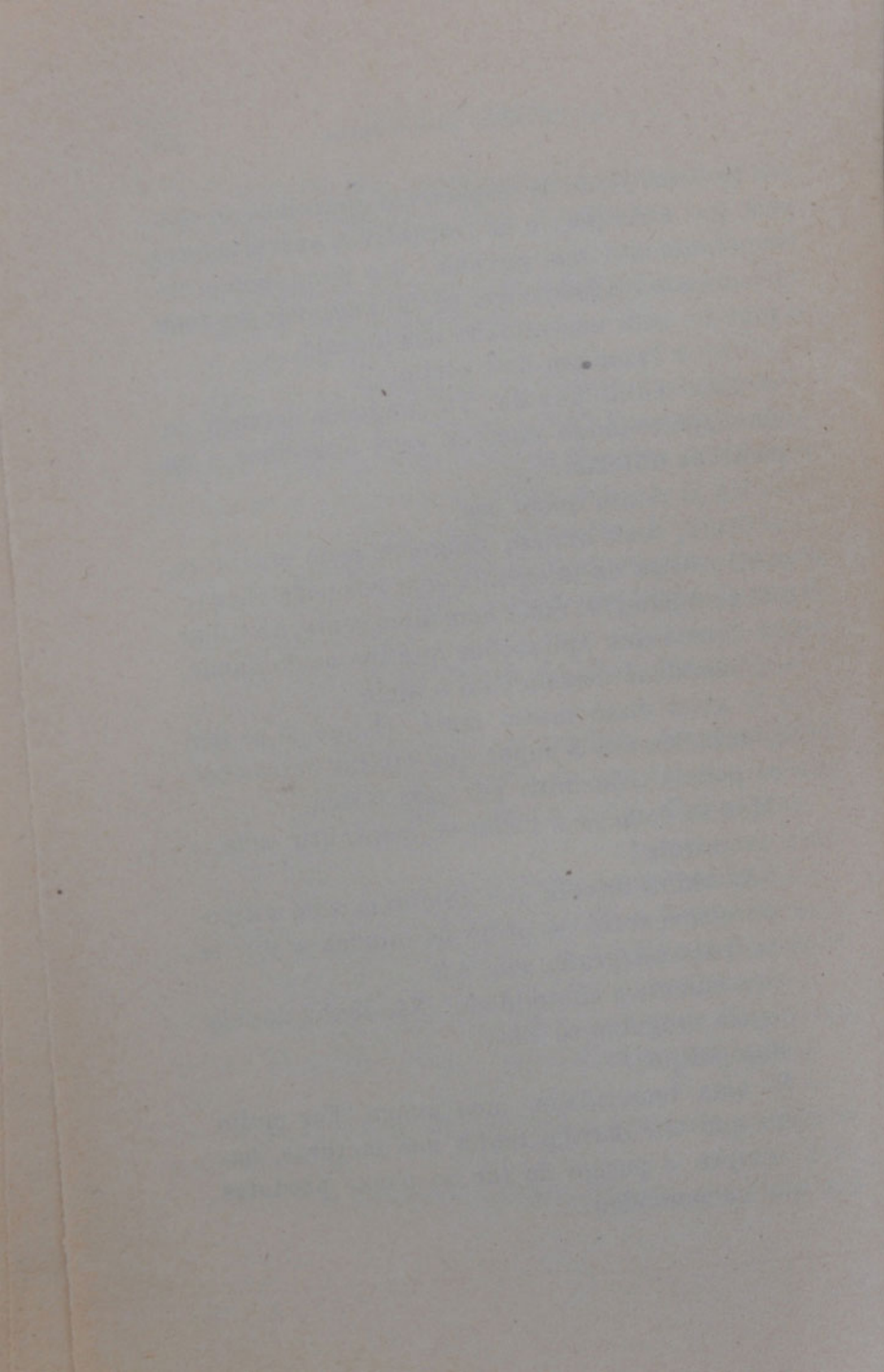
— Mas se começa a poder-se transmitir tudo, é uma catastrophe!

— Não tenha duvida que admito mesmo a hypothese de começarem os proprios miudos a vir de França, pela telegrafia sem fios.

— Ora calcule a calamidade ! Não tenha duvida que depois ninguém se casa.

— Mas porque ?

— E' uma temeridade, meu amigo. Por muito cuidado que um marido tenha nas facturas, haverá sempre o perigo de ter de pagar productos que não encomendou...



DOS  
TRANSES  
QUE  
O  
TRANSITO  
TRAZ  
AOS  
TRANSEUNTES

1870  
TENNIS  
1870  
A  
TENNIS  
1870  
1870  
TENNIS

## As primeiras impressões do Inocencio

Quando se inauguraram as varias medidas de transito na capital, encontrei uma vez desalentado, perfeitamente aturdido, o Inocencio.

— Mas que nova desgraça o atingiu, meu caro amigo?

— Estou farto desta vida.

— O' Inocencio, uma tal dose de pessimismo é impropria dum ente superior como você. Que pavorosa calamidade veio ensombrar tão profundamente, aquela boa disposição que todos lhe conhecemos e na verdade apreciamos.

— E' que estou farto, repito, de tudo isto. Já não tenho paciencia para me adaptar às continuas inovações, mutações e constantes transformações, que diariamente nos impõem. Agora tem sido esta coisa do transito. Na rua já não sei como hei de transitar. Todos os dias surgem novas ordens.

— Novas posturas...

— Nem a gente sabe já em que postura ha de estar e por onde há de seguir. Os automoveis

cada dia são obrigados a percorrer novos trajectos; por tal forma que nunca podemos planear antecipadamente qualquer itinerario. Há dias, para ir do Rossio ao teatro do Ginasio, levaram-me até ao Terreiro do Paço, fizeram-me subir a Rua Nova do Almada e só depois de ir ao largo de S. Roque, consegui chegar ao meu destino. E' claro que uma volta destas, acrescida das paragens impostas pelos sinaleiros, fez-me chegar no fim do primeiro acto. Depois este sistema dos sinaleiros é perigoso, principalmente para quem seja distraído e tenha pouca vista como eu. Não só por causa das cacetadas, que são geralmente fatais, pois todos os guardas fazem aqueles gestos indicadores com uma força colossal, mas tambem por outros precalços que podem dar-se facilmente. Eu, por exemplo, logo no inicio d'esta inovação, distraído como sou e vendo pouco, ao passar uma vez junto de um guarda, que de braço estendido indicava o caminho a um camion, fui trincar o casse-tête indicador, supondo que o policia me oferecia amavelmente um caramelo. Nem lhe conto as consequencias desse meu gesto irreverente.

— Mas agora já está habituado?

— Agora tenho-me visto em serias dificuldades para passar no Rossio de tarde e de manhã. Já deliberei trazer alguns mantimentos de prevenção contra as longas 'espectativas, para poder sem perigo esperar a vez de atravessar os

varios retalhos e fatias de passeio, que a Camara espalhou naquela praça.

«Depois faz-me confusão aquele ruido dos apitos, aquele aparato de tropas, aqueles numerosos cordões de policia, a cavalaria a evolucionar, os officiais a dar ordens, os chefes a gesticular, os automoveis a parar, os policias a apitar e as pessoas a correr, para atravessar e para ver, qual delas se há de estender, de forma a que nem a alma se lhe possa aproveitar.

— Mas você está inspirado!

— Diga-me antes desnortado. E estou a ver que isto não fica por aqui. A principio eram só policias. Agora já mete officiais e cavalaria; e estou a ver daqui a pouco os automoveis mandados parar a tiro de pistola ou o estabelecimento de metralhadoras em cada paragem, para suspender o-transito de veículos.

E quem sabe se mais tarde não teremos um serviço de aviões a dirigir os passos da multidão, à semelhança daqueles saloios, que pelo Natal percorrem a cidade comandando os seus rebanhos de perús.

\*

\* \* \*

— Mas devemos confessar que a policia tem ultimamente sofrido grandes transformações, do mais interessante efeito decorativo.

— Sim alem dos varios ornamentos que tem,

pouco a pouco, abrihantado aquella corporação — os cordões, os galões, os variados braçais, os capacetes, os casse-têtes de varios calibres e fei-tios — temos agora os policias luminosos.

Antigamente a numerosa corporação das so-peiras, podia apenas contar com os policias sim-ples; os policias ao natural.

Agora podem escolher desde os policias acom-panhados de peixe espada, até aos policias na grelha ou passados pelas brazas, como o sinaleiro da Praça dos Restauradores. Uma noite destas um garoto ao vê-lo perguntava.

— O' pai, estarão ali a assar castanhas?

— Não, mas se quizeres apanhar alguma, passa lá perto e estás servido.

E já mais perto do local:

— E' verdade pai, não são castanhas; o que estão a assar é um policia; e para que está aquele tambem ali atraz, à espera?

— E' porque quando um estiver pronto vai o outro.

\*

\*      \*

— Pois consta-me que para evitar essa e outras confusões, que uma tal novidade faz nascer na mente de certas criaturas, vai ser aperfeiçoada aquella inovação. Teremos assim brevemente os policias com olhos incandescentes — um verde e ou-tro encarnado — para os sinais; e os policias com-



pletamente luminosos, contornados de lampadas electricas ou adornados com aquelas perolas luminosas que usam as divettes de revista.

E não haverá então sopeira que resista.

\*

\*      \*

— Parece tambem que o sr. comandante da policia, «quere evitar que andem tantos automoveis á procura de fregueses».

— Tambem concordamos; era muito melhor sem duvida — principalmente para os chauffeurs — que andassem antes bastantes fregueses á procura de automoveis.

Para isso o Sr. Comandante vai pedir á Camara «que estabeleça no Rossio mais cincoenta lugares para os carros de praça.»

Mas aqui de-certo e com razão a Camara vai pôr as mãos na cabeça e bradar num aflitivo desespero :

«Mas onde os 50 lugares? Onde arranjá-los? As frentes dos passeios estão cheias. Atraz tambem já não há lugar. Onde meter portanto mais esses 50 carros? A' borda dos passeios? Nas escadas? Dentro dos lagos? Dependurados no monumento?»

— Ora não é para que me agradeçam, disse logo o Inocencio, mas como não gosto de ver ninguem

embaraçado e muito menos uma respeitavel pessoa colectiva, vou dar-lhe o meu alvitre :

O Teatro Nacional está quasi sempre fechado, vago, inutil, improdutivo.

Porque se não metem lá os 50 carros distribuidos pelos varios lugares vazios? Os lugares dos palhinhas nas cadeiras; aqueles automoveis mais pequenos a que chamam mosquitos — por cordas já se vê — nos camarotes; assim sucessivamente. Até por esta fórma podiam organizar-se alguns concertos de busina (tanto em voga nas orquestras) o que não deixaria de ter tambem nesta epoca de excentricidades, um aspecto original.

E na verdade, já que o Teatro está quasi sempre às moscas, não era demais que se metessem lá, pelo menos, os mosquitos.

\*

\* \* \*

— Mas o que é isto, Inocencio, parece-me que ouvi gritar!

— Alguem gritando por socorro. Isso é todos os dias.

— Mas não aparece nenhum policia!...

— Impossivel. Se eles andam todos a apitar lá pela baixa. Nem devemos contar com isso. A policia agora entretem-se apenas a fazer sinais: aos automoveis durante o serviço e às sopeiras durante a folga. E enquanto eles fazem mimica e

apitam lá por baixo, nós cá pela alta, assaltados ou roubados, ficamos tambem todos a apitar.

— Mas você afinal, não tem motivo para estar assim tão arreliado com tal inovação. Que necessidade tem você de fazer caminho pelo Rocio?

— Ora essa, meu amigo! Pois se eu moro na Praça da Alegria, descubra lá outro caminho terrestre mais curto, para ir todos os dias para a repartição.

— Sim, mais curto não é possível. Mas atravessando a Avenida e descendo a rua de Santo Antônio, pode atravessar a baixa facilmente.

— Por enquanto; mas não tarda que estas ordens se estendam pela Avenida da Liberdade, que nessa altura deixará de a ter. Mas já tenho o meu plano. Passo a sair muito mais cedo, subo a calçada da Gloria, desço a rua do Alecrim, sigo a rua do Arsenal e estou junto do livro do ponto às 11 em ponto.

— Mas parece-me que na rua do Arsenal as ordens vão ser mais rigorosas.

— Vão adoptar aí outras medidas?

— Com certeza. Olhe, por exemplo, os apitos aí não davam nada. Não se ouviriam com o barulho dos camiões e das carroças.

— Nesse caso como vão resolver o problema?

— Sei lá. Talvez adoptem para cada sinaleiro um saxofone, por exemplo, um trombone, um cornetim; enfim, qualquer coisa com mais som.

— E olhe que o efeito não devia ser desinteressante. Junto aos outros ruidos, das carroças, das buzinas, das campainhas dos electricos, dava um magnifico jazz-band.

— O pior é que a passagem dos piões vai de-certo ficar sujeita a demoradas formalidades e o Inocencio vai ter dificuldades na travessia.

— Isso é verdade. Mas espere, tenho uma ideia. De resto, eu tenho-as sempre para tudo. E' muito simples; sigo o mesmo itinerario, mas ao chegar ao Cais do Sodrê, tomo o vapor para Cacilhas e volto de lá num daqueles barcos pequenos que veem atracar ao Terreiro do Paço. Dessã forma venho desembarcar quasi à porta da repartição. Hein?! Bem se vê que pertenço a uma raça de navegadores. Aí tem como no seculo xx um descendente dos Gamas e dos Cabrais, descobre o caminho maritimo para a sua propria repartição.

— Mas, ó Inocencio, isso vai-lhe levar imenso tempo. Você não chega a horas, com certeza.

— Isso é verdade. Mas não tenho outro remedio. Mas espere, tenho outra ideia. Vou passar a fazer isto: depois de sair da repartição, vou para casa, janto e ponho-me logo outra vez a caminho para chegar a tempo. Parece-me que desta forma...

— Mas você pode lá aguentar uma coisa dessas! Você assim não descança, não tem um momento de repouso, não dorme nada!...

— Isso é o menos; faço o mesmo que até agora tenho feito; durmo na repartição...

## Uma tragedia transitoria

Mas por fim o Inocencio a poder de grandes sacrificios, mudanças e trespasses que lhe trespassaram a alma alanceada, transferiu a sua residencia dos lados da Calçada da Gloria — de que estava proximo e que de-certo o continua esperando na eternidade — para os lados da Graça, onde, afinal, o seu fino espirito fica tambem no seu elemento natural.

O motivo desta repentina retirada, desta precipitada fuga, foi o desejo de fugir às dificuldades de transitar todas as manhãs pelo Rossio, a-fim de atingir a sua Repartição.

Por um velho habito, adquirido nas varias perturbações civicas a que tem assistido desde a infancia, não consegue andar ao som de apitos. Em ouvindo apitos, começa a fugir tão irresistivelmente que já ninguem o agarra. Ora isto, no Rossio, era um perigo. Ao dar-se aquele «traverser» de quadrilha, de passeio para passeio, a velocidade do Inocencio, a sua rapida e desorientada fuga, seria fatal a muitos dos seus concidadãos,

que intrepidamente ainda tentam aquelas travessias.

E por isso o Inocencio, num gesto de abnegação, que apenas o honra e o nobilita, num gesto digno de figurar na historia, pondo acima de tudo a vida e a segurança dos seus incautos semelhantes, renunciou a passar pelo Rossio.

Toma apenas os carros da Graça que vão por S. Vicente e pela Baixa, para se transportar dos meandros burocraticos ao seio amantissimo da familia e vice-versa.

Mas o Inocencio põe e Deus dispõe. E foi assim que uma tarde destas, a mão da fatalidade colocou junto da Sé, sobre os carris por onde devia transitar o Inocencio, uma daquelas carroças que transportando carga para um camion de muitos cavalos, ficam a cada passo encravadas por possuir apenas um.

Como de costume, o caso complicou-se, reuniu em volta alguns milhares de espectadores, varias esquadras de policia e criou uma vistosa cauda de electricos até à Baixa.

O Inocencio, que fazia parte do recheio do penultimo, esperou ainda meia hora, para não perder o bilhete já pago e apenas utilizado entre a R. do Ouro e a R. Augusta.

Mas tal situação tornava-se insustentavel. Se entrasse em casa depois da hora regulamentar, se faltasse ao ponto conjugal, seria caso para pontos naturais. Já tinha passado a meia hora de tole-

rancia e a situação tornava-se intoleravel. Que fazer? Decidiu-se. Seria apenas uma vez mais. Um caso de excepção. E resolutto, avançou para o Rossio.

Porem, prudente e para o pisar o menos que pudesse, transpôs o Arco do Bandeira e esperou na esquina do passeio, que passasse defronte um carro para a Graça. Seria uma travessia curta e rapida, sem grandes perigos.

Entretanto mediu bem as distancias, calculou o tempo de trajecto, avaliou os obstaculos, contou as patrulhas da guarda republicana e os sinaleiros por onde devia fazer escala; depois olhou com inveja os pombos, que em caprichosas revoadas cruzavam a praça em plena liberdade. E lamentou a infelicidade de não ter asas, para no momento asado, num vôo airoso e cheio de graça, tomar o carro da mesma.

O Inocencio já não sabia como resguardar-se do vento, que nessa tarde soprava furioso, principalmente encanado pelo Arco, quando o desejado carro surgiu.

Inocencio avançou imediatamente; mas um feroz sinaleiro cortou-lhe logo a retirada, fazendo-lhe sentir, que por ali não podia cada um andar como por sua casa; aquella praça era só para se atravessar com conta, pêso e medidas... de transito.

Mas nisto, um pé de vento mais forte, levou o chapéu do Inocencio. Aflito, ia correr a salvá-lo,

a deitar a mão ao fugitivo, mas o guarda, inflexível, não consentiu. Só quando soasse o apito, poderia avançar na esteira do penante.

Mas não podia ser, era uma violencia! Era um caso de fôrça maior!

Mas por mais argumentos, rogos, supplicas que o desgraçado desfiasse, a ordem tinha de ser cumprida. E o infeliz, impacientemente impassível, viu horrorisado o seu chapéu atravessar veloz, num belo exemplo de revolta, em direcção ao passeio fronteiro e (horror!!) precipitando-se contra o carro da Graça, impellido pelo vento, cair sobre o tejadilho do electrico junto ao trolley. Era preciso agir! Evitar essa desgraça! E quando o Inocencio, palido de comoção, a voz tremula de ansiedade, ia de novo instar, apresentar os argumentos decisivos, mostrar o perigo que corria, o carro partiu, obedecendo ao apito do expedidor. Porque naquela malfadada praça, é tudo movido a apitos: carros, transito, festejos populares, revoluções.

Perante o irremediavel, o Inocencio, já de si muito nervoso, chocado por tantas emoções, caiu desfalecido aos pés do sinaleiro. Este apitou então dum modo especial e pouco depois o carro da Cruz Vermelha, transportava ao posto da dita o infeliz.



\*

\*

\*

Deixemos, porem, como nos velhos romances, o Inocencio entregue aos cuidados daquela préstima corporação e vejamos o que entretanto se passava no seu lar, focando por momentos outras scenas desta horrivel tragedia citadina.

Enquanto na ambulancia, numa semi-lucidez, ele entrevia *in mente*, as graves consequencias que a sua demora ia acarretar e principalmente a sua entrada sensacional, amarrotado, sujo e sem o chapéu, cuja falta não saberia explicar, o carro da Graça seguia veloz o seu itinerario e atingia alfim o largo de Sapadores.

Convem prevenir o leitor — decerto arrepiado com os tragicos episodios a que vem de assistir — que o Inocencio mora presentemente mesmo ao fundo da Calçada do Forno do Tijolo, num dos predios que a dominam.

O carro chegou ao fim da rampa e então — (estranha e inexplicavel coincidencia) precisamente quando o carro voltava para a R. da Graça, um novo pé de vento arrancou do seu lugar o chapéu do Inocencio, lançando-o vertiginosamente pela janela deste, que estava aberta, como é seu costume áquela hora.

Pode calcular-se o efeito que tão inesperada visita foi produzir no lar. A principio a esposa do Inocencio — a D. Candida — sentada junto da ja-

nela, a costurar, ficou atonita, suspensa, perante a estranha aparição; mas reconhecendo logo o chapéu, levantou-se irritada com a graça; e disposta a verberar com aspereza a brincadeira — que na sua opinião, tinha apenas por fim desviar do adiantado da hora as suas atenções — colocou-se no patamar, para logo de entrada, intimar o marido a abandonar de futuro aquele sistema de atirar o chapéu pela janela.

Mas ninguém subia; e cada vez mais irritada foi debruçar-se na varanda; mas como também ninguém passava, a pobre senhora, intrigada, começou a estar aflita. Chamou a mãe, a D. Bernarda, chamou a criada, depois a vizinha do lado, depois a de baixo, a de cima, e reunido por fim o prédio inteiro em casa do Inocencio, ninguém descobria uma explicação para tão insolito acontecimento.

Pressentia-se um misterio; lembravam-se já varios casos tetricos de folhetins; os corações batiam fortemente o compasso das grandes emoções; as vozes eram tremulas. As opiniões, as versões eram às grosas. E por fim, segundo os numerosos alvitreos expendidos, tomaram-se variadissimas deliberações, utilizando todos os telefones do bairro, pondo anuncios com alviçaras, expedindo telegramas, indo a varios sitios onde o Inocencio poderia ter ficado extraviado. Mas tudo em vão. Do Inocencio nem vestigios.

E o seu chapéu, colocado sobre a mesa, era já

piedosamente olhado por todos, com aquelle sentimento de ternura que se tem pelo cão fiel que volta a casa, a dar o alarme pela perda do seu dono.

Passaram as horas implacaveis; a treva foi pouco a pouco envolvendo os moveis, os imoveis e os semoventes; e naquelle triste lar roçado pela asa negra da desgraça, tudo eram trevas tambem.

\*

\*

\*

Mas conduzamos de novo o leitor benevolo (benevolo é pouco; paciente, pacientissimo, duma paciencia na verdade evangelica) até à Cruz Vermelha, para ver como o Inocencio vai levar a cruz ao seu calvario.

Deitado numa marqueza, (se a D. Candida o suspeitasse tinhamos um novo diluvio, pelo menos) o Inocencio, volvidas que foram muitas horas — não tendo voltado para casa por ausencia completa dos sentidos necessarios — depois de varias voltas que lhe deram, voltou a si. Porque ele tem — como todas as senhoras histericas que se presam — os sentidos de ida e volta.

E foi então que mediu completa e cabalmente toda a gravidade do lance, todo o horror da situação. Passava das 3 horas da madrugada e o Inocencio, sem aviso previo, não recolhera ainda ao

lar. Como justificar agora no regresso, esta enor-  
missima falta, acrescida da falta do chapeu?

Se ao menos pudesse levar como testemunha o  
sinaleiro causador desta hecatombe. E como ele,  
quantos desgraçados, pobres vitimas da sua pre-  
potencia, estavam tambem àquela hora sofrendo  
iguais tormentos.

Era porem necessario encarar corajosamente os  
factos consumados e arrostar-lhe as inevitaveis  
consequencias. E partiu em demanda do seu lar.

\*

\* \*

Mas aqui grandes surpresas o aguardavam.  
Estranhando logo de entrada o desusado movi-  
mento no seu pacato patamar, ao transpor, ater-  
rado, a sua porta ainda aberta àquela hora, en-  
controu -- rodeando D. Candida, debulhada em  
lagrimas -- os seus varios parentes, dos quais o  
mais proximo, ia precisamente naquele instante  
iniciar, comovido, a tragica leitura das suas ulti-  
mas disposições.

Foi então que a sua extremosa sogra -- já de  
luto pesado -- ao vê-lo entrar, caiu fulminada por  
tamanha decepção.

O panico que a presença do Inocencio desper-  
tou foi indescritivel. A confusão foi tremenda.  
E foi depois um trabalho insano para desfazer  
tudo o que estava feito e encomendado -- anun-

cios, convites, corôas, luto, n'uma palavra, para desfazer o equivoco, dar contra ordens, contra anuncios, fazer enfim saber ao mundo que o Inocencio continua ainda em vigor por muitos anos e bons, se Deus lhê der vida e saude.

O meu pobre amigo, ao pensar nos perigos por que passou, ainda hoje sente calafrios; e garante que para ele o Rossio, nem pintado.

E tem razão. Se tem tardado um pouco mais naquela noite, encontrava já de-certo D. Candida casada em segundas nupcias e outro Inocencio no seu lugar.



## A ditadura do casse-tête

Estava já preocupado com a demora do meu amigo Malaquias, que devia ter chegado do Porto às seis e pico e não havia maneira de me aparecer em casa.

A fome apertava, o jantar arrefecia e o relógio dava as 22 horas, de acordo com todos os estômagos da família, que também já estavam a dar horas, desesperada e ferozmente.

Um parente, convidado para jantar e já cambaleante de fraqueza, era também de opinião que não devia esperar-se mais. Fatalmente, ou o meu amigo perdera o comboio ou se perdera no caminho, por já não vir a Lisboa há muito tempo.

Eu aproveitei logo, satisfeito com tal unanimidade de opiniões, que me facilitava a decisão.

— E demais — acrescentei — você está cheio de fome. A sua palidez demonstra bem a sua debilidade. Vamos portanto às sopas. Você está já com aspecto de quem não come há 8 dias. Parece o lord de Cork . . .

— Não estou ainda de cocoras, mas confesso que já não me posso ter nas pernas — fez ele desfalecido.

Avançámos para a mesa com «entrain». Veio a sopa. Mas quando antegozava já as delicias da primeira colher, um toque de telefone suspendeu-me o gesto deliciado. Deixei a familia no ataque ao primeiro prato e fui contrariado ao aparelho.

Surpreendido, reconheci a voz do Malaquias.

— O' diabo e nós à tua espera! Estás ainda no Porto?

— Antes estivesse. E se tenho adivinhado o que me ia acontecer, nem tinha vindo.

— Mas o que foi? Estás ferido? O que te aconteceu, homem? Algum desastre? Onde estás tu? Nalguma farmacia?

— Isso sim...

— No hospital?!

— Tambem não...

— O quê, já estás na morgue!!?

— Não, homem. Estou no Metropole do Rossio...

— Ora ainda bem; mas que susto me pregaste. Mas que ideia foi essa do hotel. Ora tu sempre tens cada uma! E nós aqui em cuidado à tua espera...

— Mas então imaginas que estou aqui por gosto? Essa agora? Se me tens avisado das dificuldades que teria para chegar a tua casa, nem me tinhas apanhado cá.



— Dificuldades? Mas que dificuldades?

— Sim, como queres tu que eu vá para aí, para o Almirante Reis, sem atravessar o Rossio?

— Mas porque não hás-de atravessá-lo?

— Isso também eu queria. Olha, vem cá tu visitar-me, se és capaz. Dou-te um dôce. E olha que o d'hoje, aqui, ao jantar, não era mau.

— Mas então o que foi, o que te aconteceu?

— Olha, para te dar uma ideia dos tormentos que passei, basta dizer-te que pela primeira vez na minha vida, ou melhor pela primeira e pela segunda, já hoje fui preso duas vezes.

— Mas tu não eras desordeiro! Como é que mudaste dessa forma?

— Eu não mudei. Vocês é que andam sempre a mudar tudo; os habitos, os regulamentos, as posturas; e depois, é claro, quem não estiver prevenido vê-se grego. Logo ao sair da estação estranhei a abundancia de policias.

Mas quando cheguei ao Gêlo, caiu-me a alma e a bagagem aos pés. Era tal a quantidade de policias, cabos, chefes e officiais do exercito a pé e guardas republicanos a cavallo, que eu disse logo para comigo: Bonito! Temos nova bernarda. Cai como a sopa no mel, não haja duvida. Ou melhor, vou sair daqui numa sopa, se começa outra vez aquela chuva de metralha do costume. Mas ao mesmo tempo estranhei a tranquila serenidade da multidão apinhada nos passeios. Nisto ouvi apitos. Empalideci. E' agora. Mas só de vez

em quando um magote de gente corria apressado duns passeios para os outros. Que diabo! Os apitos e a gente a correr, era sinal de alarme; mas o panico costuma ser geral; o panico assim por conta gotas, a prestações, não podia ser. E' que vai passar algum cortejo — disse ainda; e esperei. Mas não passava nada e os policcias continuavam a gesticular e a apitar. E olha que estive ainda um bom quarto de hora perplexo, em conjecturas. Estaria toda aquela gente com receio de escorregar no pavimento molhado, ou a tomar balanço para a travessia. Mas com tantos apitos! Teriam antecipado o Santo Antonio? Ou por uma destas madurezas colectivas, estariam ensaiando alguma quadrilha colossal, de passeio para passeio? Mas tudo isto me parecia inverosimil e fosse o que fosse, como o seguro morreu de velho, decidi-me a atravessar quanto antes, a-fim de me dirigir prudentemente a tua casa.

Mas um guarda suspendeu-me logo a deliberação, pondo-me diante do nariz uma especie de vela de stearina, e desatou a apitar como um danado.

Receando que estivesse pedindo auxilio contra mim, safei-me logo e fui atravessar mais adiante. Mas outro guarda cheio de estrelas, divisas, bandeiras e braçais de varias côres, novamente impediu a minha inocente pretensão. Já muito arreliado com a historia, tentei mais adiante a travessia. Porém outro policia de mau modo declarou que não podia ali passar.

— Mas eu tenho que fazer e tenho pressa, tei-me, já farto de impedimentos.

— Por aqui não pode andar, retorquiu inflexível.

— O' senhor, mas se não posso andar na rua, como hei de ir para o outro lado?

— Já *le* disse, por aqui não se pode atravessar. Aqui não pode andar ninguém. Agora só se pode andar nas paragens dos electricos.

— Andar nas paragens? O' sr. mas isso é um paradoxo!

— Um para quê?

— Já disse e repito, um paradoxo.

— O Sr. está preso. O' 1005 leve este homem para o Nacional.

— Para o Nacional? Mas que ideia! Eu nunca tive geito para representar. Isto é uma violencia! Demais, eu nunca estive no Conservatorio...

— Deixe-se de conversatorio e ande lá p'ra diante...

Então um cabo aproximou-se para saber do ocorrido.

— Foi este homem que insultou o 1003.

— Perdão eu não insultei, eu ia apenas a atravessar para o outro lado...

— Então o sr. imagina que isto de atravessar para o outro lado é assim como cada um quere e quando quere. Pois está muito enganado...

— Mas é que tenho pressa...

— Pois se tem pressa vá andando...

— Ora é precisamente o que eu pretendo...

— Venha cá, venha cá, vá andando mas lá por outro lado; por aqui não pode passar assim, sem mais nem menos...

— Mas eu estou disposto a tudo. O que é preciso fazer? Um requerimento? Um memorial? Um atestado que garanta a necessidade da travessia?

— O sr. só pode atravessar quando o mandarem...

— Essa agora, mas se fôr uma coisa urgente?

— E' o *mêmo*.

— Se fôr um caso de aflição?

— Se estiver aflito, vai ao Governo Civil, procura o comandante, explica-lhe tudo isso, apresenta-lhe testemunhas que o provem, dá o seu nome, a sua morada, filiação, etc., e depois espera que ele telefone aqui para o posto do Nacional a dar ordem para o sr. atravessar, percebeu?

— !! Essa é de cabo de esquadra!!!

— O Sr. está preso...

— Outra vez?...

— O' 1005 leve este homem ao posto...

Iam levar-me mas nisto appareceu um chefe re-dentor.

— O que foi isto?

Explicaram-lhe; eu expliquei-me; o chefe então magnanimo inquiriu:

— O sr. donde vem?

— Venho do Porto.

— Ah! Não conhecia estas ordens de cá?

— De cá só sabia das desordens.

— O Sr. não é daqui?

— Não senhor, sou de Aldeia Galega...

— Já podia ter dito. O' 1005 deixe ir embora que é estrangeiro...

Finalmente com um suspiro de alivio, embrenhei-me outra vez na multidão. Mas pareceu-me logo ouvir chamar. Voltei-me. Era o chefe, o cabo e o 1005 que me diziam:

— Olhe passe agora; passe agora nesta aberta, mas depressa, depressa, despache-se...

Atarantado, avancei com a bagagem, mas com a precipitação, a confusão dos toques dos apitos, a multidão que corria apressurada, escorreguei e estendi-me com as malas, diante dum esquadrão de automoveis, buzinando, resfolegantes e parados à ordem dum sinaleiro.

Levantei-me aturdido, reuni rapidamente o recheio entornado da bagagem e voltei para traz num desalento. Ainda lá me ficaram espalhados alguns pares de peugas, varios lenços, colarinhos e outras peças meudas a que a pressa não me permitiu deitar a mão.

E agora, meu caro, já ninguem me arranca do hotel. Daqui só p'rá estação.

— Ora que ideia! Deixa-te disso. Olha, aí pela madrugada há menos movimento, podes atravessar; passa-te para este lado e vem cá ter. Eu cá te espero. Olha toma um taxi de *palhinha* que é mais rapido.

— Não, meu velho. Agora só quando voltar p'ra outra vez e só quando houver aeroplanos de palhinha. Cá por baixo não vai nada.

— O' desgraçado, mas por essa forma nunca mais cá te apanhamos. Pois não vês que nessa altura tambem já os sinaleiros terão asas e andarão por aí aos bandos, em revoadas, a apitar por cima desses telhados...

ESTA VIDA É UMA DANÇA





## Uma nova epidemia

Esta vida foi sempre uma dança; uma dança da luta; da luta pela vida.

Porém, hoje, é uma dança pegada, completa, constante, por musica e com os passos e os aspectos mais estranhos, imprevisitos.

E' a furia do jazz desarticulando a humanidade em charlestons, shimmys, fox-trotes, new-blues, black-bottoms, new-black-bottoms e tantas outras extravagancias dançantes, que a moda vai dia a dia decretando.

Uma onda de gramafones invadiu todos os lares, berrando, miando, guinchando, contagiando tudo e todos, desde as pares que dançam, às mobílias que oscilam desabaladamente.

Porque já as proprias coisas — os moveis e os imoveis — gingham e balançam em cadencia, ao som dos varios charlestons e ao peso dos numerosos pares, que em todos os predios, desde a cave até às culminancias das trapeiras, se desarticulam furiosamente em grandes turbilhões de corpos, emaranhados em permanentes pés de dança.

As grafonolas entraram já no mais recondito dos lares, moendo incançavelmente as suas desarmonias; há já quem coma ao som do charleston, quem se vista e se dispa em passos de fox, quem pense, quem leia, quem escreva, quem faça tudo por musica e a compasso.

Não é por isso difficil de prever onde nos levará esta furia dançante, que no futuro nos trará todos os momentos da vida musicados, que nos dará uma vida-concerto, com os proprios movimentos revolucionarios em movimentos coreograficos, ao som de jazes monumentais, em que os bombos e os timbales, serão substituidos por canhões. Verdadeiras bernardas dançantes em que os combatentes se degladiem, em passos de fox-trot e de shimmy, vencendo aquele que menos estremecer durante o charleston ou o que melhor deslizar no black-bottom, de forma a que os parceiros só lhe assobiem às botas.

Chegaremos ao apuro de entrar na agonia, em cadencia e a compasso, conjugando os ultimos suspiros com as dolencias languidas do tango.

O funeral será depois todo feito em fox e a trot, acompanhado pelo carpir de lamentosos saxofones, todos cobertos de crepes, tremulando ao vento.

Já o transito nas ruas se faz ao som de apitos e pelo processo das contradanças; e se acrescentarmos aos silvos, guinchos e toques de busina, que enchem a vida moderna, os novos ruidos com

que o progresso encherá o grande jazz-band da vida futura, não nos deve admirar que pouco a pouco, sem querer, insensivelmente, todos se vão contaminando desta furia dançante, saltitante, irresistível, que tem dinamizado as pernas das modernas gerações.

Vem isto a proposito do caso sucedido a um amigo, que nesta epoca febril, vertiginosa, toda impregnada de acordes de jazz-band, teve a estulta pretensão de ir certo domingo, repousar das fadigas da semana, para casa duns amigos veraneando no Estoril.

Logo à saída da estação, perto dos primeiros chalets, ficou interdito, suspenso.

A-pezar da hora matutina, o movimento nas casas era enorme; e numerosos vultos perpassavam apressados dum lado para o outro. Só quando se aproximou percebeu a causa de tal agitação.

A' medida que avançava iam-lhe chegando os sons misturados de varios gramofones, que em quasi todos os predios, logo de manhã, punham em pé de dança os moradores.

De todos os lados, de todas as vilas e chalets, numa confusão diabolica, se misturavam os fox-trots com os tangos, as valsas, os charlestons, os shimmys e toda essa variedade enorme de palavras dançantes, que a moderna coreografia inventou para desgraça dos calos universais.

O meu amigo notou mesmo, que certas criaturas que demandavam a praia, ao atravessarem

aquela floresta cerrada de sons desencontrados, iam cambaleando e esboçando irresistivelmente os passos de varias danças. Uma perfeita embriaguez dançante.

Ainda aturdido bateu à porta dos amigos. Mas ao entrar na sala, deparou com varios membros da familia ainda em pyjama, mas ensaiando já varios passos de charleston, apoiados nas costas das cadeiras e perante um paciente gramofone que desde madrugada os aturava.

Dava a impressão dum numero de revista.

A manhã decorreu assim, toda entrecortada de tangos e fox-trots. Mesmo durante o almoço, como o gramofone era perpetuo — como certos calendarios — incançavel, infatigavel, incapaz de emudecer, todos os pés se agitaram sob a mesa, em movimentos saltitantes, coleantes, dando a impressão das refeições a bordo, em dia de temporal.

Durante o dia, como o gramofone não parasse, o meu amigo viu-se tambem forçado a entrar na dança.

E todos, novos e velhos, crianças, militares com e sem graduação, todos naquêla casa passaram o dia a raspar os oleados.

Um cadete de calções tufados, polainas e esporas reluzentes, dançando sozinho no meio da sala, para exemplificar alguns passos complicados, evocava um numero de opereta vienense, um principe Orloff de trazer por casa, de calções enfunados, mãos na ilharga e esporas a tilintar.

Quando no dia seguinte encontrei o meu amigo, derreado, com profundas olheiras e sem que os pés moidos e os calos em estado comatoso, lhe permitissem dar um passo, e estranhei que o repouso da vespera, o tivesse estafado mais que o labor da semana inteira, respondeu-me com um suspiro de convalescente.

Descreveu-me então o seu domingo agitado, febril e acrescentou:

— Meu caro amigo, isto é do tempo. Tudo hoje é intranquillo, movimentado. A humanidade já não pode sossegar. Ou trabalha a cabeça no labor quotidiano ou trabalham os pés nas horas de ocio. Lá quietos é que não podemos permanecer. E' a vida. Já ninguem pára. A incerteza e as atribulações da hora que passa, exigem o perpétuo movimento, uma distracção constante, uma constante occupação, que nos impossibilitem de pensar nos males que nos affigem. Foi a conclusão a que ontem as circumstancias me levaram.

— E qual a sua impressão dessas danças que aprendeu e que na sua opinião nasceram como necessidade urgente, para nos fazer esquecer as preocupações da vida moderna?

— As danças, á-parte o objectivo que apontou, nada teem de interessante; pelo contrario. O charleston é bom para sacudir a poeira accumulada no trajecto e optimo para dar cabo dos oleados e das canelas dos parceiros.

«O black-bottom é uma dança em que a gente

anda, por assim dizer, a pisar ovos, um faz que trota mas não trota, que não ata nem desata. Como bem o observou um brasileiro meu amigo, um cidadão fazendo aqueles passos — «lhi dava a imprêssão di um pirú em chapa quente.»

— E o tal new-blues?

— Como o seu nome deixa antever, é uma dança em que a gente se vê azul. Compõe-se de seis passos e dança-se com a mão direita sobre o coração e fazendo grandes paragens (paragens zonas) acompanhadas por um harmonioso tremor de todo o corpo. Uma dança excelente para pessoas nervosas e dadas a crises passionais. Optima para meninas histericas e fortes em ataques de nervos. Mas um pouco difficil, para quem tenha bastante sangue frio e não trema ou vacile, perante as mais violentas comoções.

Para esses há só um meio: ir-lhes contando, durante a aprendizagem, varias historias tragicas, grandes e horriveis crimes e como ultimo recurso apontar-lhes uma pistola à caixa craneana ou fazer explodir uma bomba nas imediações.

— E se mesmo assim não conseguirmos o tremor?

— Nesse caso só disparando a pistola ou deitando a bomba no meio da sala.

— O efeito deve ser surpreendente!

— Sim, nesse extremo até os circunstantes dançarão sobre as cadeiras, tornando-se o tremor extensivo a todo o predio.

— Em conclusão, o meu amigo aprendeu e divertiu-se. E diga-me: qual dessas danças lhe ocupou mais a actividade pedestre e mais o entusiasmará para o futuro?

— Olhe, levei quasi o dia inteiro a dançar o black-bottom; foi um black-bottom constante e vai ser com certeza um black botta-me abaixo...

The first part of the book is devoted to a general introduction to the subject of the history of the world. The author discusses the various theories of the origin of life and the development of the human race. He also touches upon the different stages of civilization and the progress of science and art.

The second part of the book is a detailed account of the history of the world from the beginning of time to the present day. It covers the various empires, kingdoms, and nations that have existed throughout the centuries. The author provides a comprehensive overview of the political, social, and cultural changes that have shaped the world as we know it today.



## Da arte de bem dançar em toda a sala

Isto que antigamente era uma coisa simples e banal — a dança — é hoje uma arte complicada, de variadas nuances, evolucionando sempre com a moda e como ela inconstante e caprichosa.

Por vezes complexa e difícil, tem nas suas varias modalidades os seus perigos.

Outrora, passado o cabo tormentoso da valsa, qualquer leão das salas estava doutorado e apto aos mais exigentes torneios coreograficos.

A polca era uma brincadeira de crianças; o pas-de-quatre um pretexto para uns requebros delambidos, tendo apenas o perigo dos abalroamentos na rapida transição para os 3 passos de valsa. E levar até ao fim uns lanceiros, não era meter nenhuma lança em Africa, mesmo que o nosso par fôsse de côr.

Mas hoje tudo isso está banido, «démodé», lançado à margem.

Quadrilhas só estão em moda as de ladrões.

E com essas ninguem quere danças, a pezar-de infelizmente estarem de tal maneira em voga, que

para nos livrarmos delas, temos de sustentar, cada vez mais violentamente essa pavorosa dança... da lucta pela vida.

\*

\* \*

Quanto a danças de trazer por casa, danças de sala e de salão, tudo mudou; já não é qualquer valsista doutras eras que consegue satisfazer os complicados requisitos, dum tango dolente ou dum charleston agitado e caprichoso.

Hoje a dança é uma arte, não só difficil, mas perigosa.

Um charleston dançado a rigor é um perigo para as canelas dos parceiros; e mesmo o fox-trot é um exercicio violento, quando praticado até de madrugada. Muito pior do que na tropa, fazer marchas forçadas, porque há senhoras muito mais dificeis de transportar do que a mochila.

Há por isso uma serie de cuidados e providencias, necessarias a todos os que heroicamente pretendam dedicar-se a este exercicio, que a-pezar de pedestre, é tambem por vezes manual, quando uma rasteira os obrigue a deixar as impressões digitais no encerado do parquet.

\*

\* \*

Uma das coisas indispensaveis, quando se trate dum baile em forma e para demora, é jantar-lhe bem. Depois, sendo possivel, adaptar às canelas as respectivas peças duma armadura (não confundir com armação) de qualquer antepassado guerreiro da familia.

Para quem não tenha antepassados, bastará passar pela feira da Ladra, porque lá se encontram as armaduras que os netos dalguns antepassados, tenham passado a patacos. Em ultimo caso, dois pacotes de algodão hidrofilo fazem quasi o mesmo efeito, sendo nesse caso porem conveniente, levar tambem no bolso, um frasquinho de arnica e duas ligaduras.

\*

\* \*

Nas salas muito enceradas é de toda a prudencia não aventurar passos dificeis, nem fazer voltas muito bruscas para evitar as derrapages, que são sempre perigosas.

Estendidos no meio da sala, alem do perigo dos atropelamentos, fica-se com todo o corpo à mercê dos passos charletonescos dos outros pares, a não ser que se tenha estabelecido um serviço de sinaleiros que façam imediatamente suspender,

num caso desses, o transitio vertiginoso dos outros dançarinos.

É também conveniente, em especial nas salas pequenas, colocar na cabeça da senhora que nos acompanha um pequenino espelho, por causa dos perigos da marcha atrás e para evitar os desabamentos no colo da assistencia.

Convem ainda levar uma duzia sortida de frases feitas e três ou quatro piadas de almanaque, para dirigir às senhoras durante a dança e não dar a impressão de que andamos fazendo um frete.

Estas piadas e estas frases podem servir para todas as senhoras; bastará agitá-las de cada vez antes de usar, para cada par que nos acompanha e ter-se-há garantida a conversa para toda a noite.

Na hipotese de se voltar a dançar com a mesma senhora, voltam-se as mesmas frases do avesso e ficam como novas.

Os que padeçam de surdez, ainda que ligeira, devem no entanto dançar calados, para evitar mal entendidos, como este por exemplo, a que assisti:

Ele que trazia um variado stock de trocadilhos, e frases que cuidadosamente tinha composto e passado a ferro na vespera, na intenção de estar-recer de admiração o pequenname, exclamou logo de entrada, para a primeira senhora que lhe caiu nos braços:

— Ah! Mas vosselencia, que é leve como uma pena, é até pena dançar connigo...

E ela, deliciada :

— Ah ! Um calemburgo !!

Mas o desgraçado era um pouco surdo e aos seus ouvidos chegou apenas um murmurio vago, qualquer coisa como «cala-te burro!»

E ele obedeceu de tal maneira, que ficou para o resto da noite silencioso e *entupido*.

Mas para quem não tenha este defeito, as frases feitas são optimo elemento e uma grande defeza em certas ocasiões.

São por exemplo de toda a vantagem os galanteios, as frases madrigalescas e de elogio às varias qualidades e ornamentos das senhoras. Principalmente para os que dançam mal é de toda a conveniencia envaidecer constantemente o par, com exclamações sobre a sua elegancia, a sua beleza, o seu «charme», para evitar que reparem nas pizadelas que lhe damos e na triste figura que fazemos.

Mas pode tambem dar-se o caso contrario, de se encontrar senhora que dance mal e não acerte de modo algum. Convem por isso ir prevenido com as varias formas de remediar tão grande contrariedade. Tratando-se dum fox-trot, experimentar o processo adoptado para os galuchos e dizer a compasso: «vamos: um, dois, um, dois, um, dois.»

Se é um charleston e a senhora não consegue estremecer e abanar os pés como convem, basta dizer-lhe que vai rebentar uma revolução, que a

casa ameaça ruína, que se espera um atentado dinamitista contra algum dos presentes e ella começará fatalmente a tremer como varas verdes. Este processo é infalível. Só tem o perigo de ser excessivo e convem portanto usá-lo com cautela. Porque pode até a senhora começar a tremer de tal maneira, que tenha de ser conduzida ao seu lugar, o que será também uma forma de terminar o nosso embaraço e procurar quem melhor dê conta do recado.

\*

\* \*

E' também de boa politica não dançar sem ver primeiro a maneira por que se dança em cada sala. Isto para não darmos nas vistas ou nos tornarmos notados, dançando de maneira diversa da que fôr adoptada, no seio de cada familia.

Há por exemplo os bailes chics e os salsifrés de meia tijela na cidade e os de tijela inteira na provincia; é claro que para cada um deles se deve adoptar um modo e uns passos e uns ademanos especiais.

Por exemplo, nos de meia tijela em que os elegantes dançam movendo os braços em estilo de peru batendo as asas, convem imitá-los para não destoar.

Nos de tijela inteira convem tratar todos por vocelencia e levar a senhora a distancia respeitavel, ao passo que nos mais chics, devemos tra-

tar todos por você, de monoculo, levando a senhora o mais possivel debaixo do braço direito e conservando o esquerdo na attitude elegante dum bule deitando o chá.

São pequeninas coisas, sim, mas indispensaveis para um dançarino que se presa.

\* \* \*

Finalmente e para qualquer deles é bom tambem ir prevenido com algum reconstituente, para o caso de nos vermos forçados a dançar com alguma senhora de peso.

Assim, no tragico momento de sermos obrigados pela força das circumstancias, a um fox-trot com um par de noventa e cinco quilos, é bom tomar um pouco de ovomaltine, que devemos trazer sempre de prevenção.

E se caímos por acaso num baile, oferecido por numerosa familia de senhoras gordas, se não trouxermos uma lata de meio quilo pelo menos, o melhor será retirarmo-nos cautelosamente, para evitar um inevitavel esalfamento.

Neste caso há ainda um outro perigo, para o qual convem estar prevenido.

Alem da iminencia de ter de dançar com qualquer das senhoras de muito peso, a sala está, por exemplo, muito encerada.

Então, quando se não tenha um seguro de vida, o melhor é desistir.

Dançar com uma senhora gorda, numa sala muito encerada, é um perigo, uma temeridade.

E' o mesmo que ir passear para debaixo dum guindaste em movimento, com a ameaça latente duma barrica de cimento sobre o cadaver.

Só há uma solução : para evitar as derrapages, que então seriam funestas, descalçar os sapatos sob qualquer pretexto — o de que nos apertam por exemplo — e dançar mesmo em palmilhas.

E' por isso da melhor prudencia levar sempre no bolso, para tais eventualidades, um par de meias sobreceleste.



## Charlestono mania

O charleston é uma dança que, como todas as danças modernas, tem sido maculada pelas mais diversas interpretações. Desde os que a dançam com certa elegancia — com a elegancia e a linha necessaria em todas as danças — até aos que de cada um dos seus passos, fazem um intermedio comico ou um perigo para os parceiros, ha uma variedade enorme.

Há os que o dançam disfarçado em fox-trot, muito naturalmente, como quem não quer a coisa; é, por assim dizer, o charleston de trazer por casa, o charleston dos pacatos. Esses são os inofensivos.

Há, porem, os que o dançam todo em rasteiras, estendendo as pernas, ora para um, ora para outro lado. Esses são já perigosos, porque quando a gente menos se precata, ao passar-lhes à vista está com as costas no chão; e mais perigosos se andamos fazendo algum frete dançante, entregues ao transporte difficil duma senhora de meia idade e de peso inteiro.

Nestes casos tal precalço é quasi sempre fatal; e a vitima, se tem a infelicidade de cair por baixo do volumoso par que transporta, é sempre retirada sem vida e sem figura humana. Antes com a infima espessura do linguado frito ou com o aspecto de ter andado a fazer horas, debaixo dum destes cilindros de calcetar as ruas.

Desses é bom fugir e não lhes passar perto do raio de operações, que é quasi sempre um raio que nos pode partir, pelo menos, uma perna.

Há ainda outra especie não menos perigosa.

São os que dançam aos saltos, correndo numa loucura, numa furia vertiginosa, deixando o par que transportam a deitar todos os bofes disponíveis pela bôca fora. Esses ficam com o aspecto exotico de terem ido tomar banho em traje de baile. Apetece mesmo, ao vê-los regressar ao seu logar, pôr-lhes a toalha pelos ombros.

Esses ainda teem outra fase perigosa. De onde em onde, moderam a carreira e começam a distribuir pontapés e caneladas para todas as direcções. Nesta altura esta dança atinge as proporções de dança da luta.

E' claro que na primeira fase temos de pôr todos os calos no seguro e na segunda usar o tal processo de adaptação às canelas, das respectivas peças duma armadura. Com certos pares, é mesmo da melhor prudencia dançar dentro duma armadura completa.

Mas, na impossibilidade de tomar qualquer des-

tas providencias, o mais seguro é simular qualquer incomodo repentino, uma dôr de dentes ou um ataque de bexigas doidas, e convencer a senhora que nos acompanha na perigosa aventura, a retirar prudentemente.

Há ainda outra variedade menos perigosa para os que assistem, mas perigosissima para os que a praticam, pelas terriveis confusões a que pode dar lugar.

São os que dançam o charleston e o shimmy, parando de quando em quando para sacudir as calças, numa furia nervosa que lhes faz estremecer os membros inferiores e limpar indecentemente os pés no meio da sala. Dão-nos a impressão de que uma doença esquisita os atacou repentinamente ou que uma legião de percevejos os acometeu e os vai minando dos pés até à cabeça.

O menor perigo dessa forma de dançar é o de verem toda a gente rir-lhes nas bochechas, supondo que eles fazem, não um passo de charleston, mas uma curiosa imitação dos passos do Charlot.

Mas o caso pode ter bem mais graves consequencias, como por exemplo a que passo a relatar:

Um desses numerosos servos da moda, que cegamente lhe obedecem em todas as suas estravaganancias, mesmo quando a moda está a chuchar com eles, desses que levam o seu servilismo *snob*, a adoptar as suas mais caricatas invenções, numa palavra, um desses modernos leões das salas, aliás

mansos como cordeiros, regressára de varias terras, perfeitamente doutorado em todos os mais excéntricos exotismos coreograficos.

E foi cair por acaso no seio, salvo seja, duma pacata e abastada familia pouco privada em modernices, cujos membros dançantes iam ainda atrasadamente no reles e prosaico one-step.

Já a exagerada indumentaria do cavalheiro produzira uns certos reparos, a ponto do chefe da familia, perante a vastidão das suas calças, ter achado intimamente pouco correcto, o facto do rapaz vir a sua casa com o fato do Pai.

Mas começou a dança, e perante a exhibição de todos os modernos passos charlestonescos, — em que o rapaz quis caprichar, para *epater* toda a familia, — o efeito foi colossal.

A principio a impressão geral foi de que o rapaz lhe carregara nos liquidos; mas pouco depois, quando ao cabo de varias rasteiras e consequentes estenderetes de varios pares incautos, um dos convidados saiu em braços, com uma perna partida, o caso passou a ser classificado de loucura perigosa e foi a poder de grandes esforços que o filho mais novo da casa, — o introdutor do prodigio coreografico — convenceu o pai a não ir buscar um colete de forças, argumentando que tudo aquilo era muito chic.

A coisa passou. Mas pouco depois, quasi todas as senhoras arrastadas pelo prodigioso mancebo suavam em bica, e as faces de todas as meninas

dançantes, com os cremes, os carmins e os pós de arroz a derreterem-se em perfeita conjugação de esforços, apresentavam um aspecto lamentavel. Varios cavalheiros pelos cantos, agarrados às canelas, gemiam doloridamente ; e uma senhora de peso, vitima duma rasteira, reclamava um guindaste para retomar a sua posição inicial.

Foi então que o habil dançarino resolveu fazer o seu passo de sensação ; e no meio da sala começou a estremecer todo, a abanar as pernas desabaladamente, enquanto a pequena a que se agarrara para dançar, muito comprometida, o olhava, aflita e ruborisada, sem saber o que pensar das suas intenções.

Todos se precipitaram num clamor, supondo-o vitima dum acidente, dum choque electrico, duma vertigem.

Uma senhora de idade, persignando-se bradava :

— E' talvez um tremor de terra.

E respondiam-lhe :

— Não, é apenas um tremor de pernas.

E no auge do entusiasmo coreografico, vendo-se alvo de todas as atenções e em pleno successo, o rapaz tremia cada vez mais, a ponto de ficar quasi de cocoras.

Então foi um terror ; gritava-se :

— «Mas o que tem ele?» — «O que foi?» — «Vão chamar um medico». — «E' melhor segurá-lo». — «E' um perigo». E por entre o circulo que se formára em volta, uma senhora de idade pergun-

tava muito intrigada: — Mas o que está ele a fazer?

E a custo, não conseguindo fazer-se ouvir por entre as vozes aflitas e os acordes do jazz, o filho mais novo dos donos da casa, procurava tranquilisá-los, explicando, gritando:

— E' um shimmy, é um shimmy.

Mas a explicação por entre os ruidos chegou viciada, deturpada, aos ouvidos dos assistentes, e então o dono da casa, avançando até junto do menino prodigio, puxou-o para fóra da sala e declarou de mau humor.

— Parece impossivel que o senhor queira fazer isso aqui, no meio da sala. O senhor bebeu de mais, é natural que tenha essa necessidade; mas podia ter dito logo!!

— Perdão, dizia o outro, isto é um shi...

— Chi, já sei...

E empurrando-o de mau modo:

— Olhe, é ali, ao fundo do corredor, ultima porta à direita...

INDICE

INDICE



# INDICE

---

	PAG.
<b>Uma carta para Antonio Ferro</b> .....	V
<b>A resposta</b> .....	XIII
<b>Os dramas do cinema</b> .....	1
<b>Espigomania</b> .....	11
<b>Othelo... para pernoitar</b> .....	19
<b>Otimismo de um pai da patria</b> .....	29
<b>El-rei Boato</b> .....	37
<b>A única saída</b> .....	45
<b>Perigo de morte</b> .....	55
<b>Coisas do Inocencio</b>	
Miss X. P. T. O.....	65
Chinezices.....	73
Boato alarmante.....	81
Uma curiosa cura na Curia.....	89
<b>Os martires da moda</b>	
Calçomania.....	99
A dois passos do Paraiso.....	109
<b>O reinado dos Figaros</b>	
A guerra ao pêlo.....	117
Do depilamento masculino.....	125
Do depilamento femenino.....	131
<b>Os martires do turismo</b>	
Um grande almoço desportivo.....	141
O grande estadista.....	149

	<b>PAG.</b>
O prazer de viajar .....	159
Estoirismo .....	167
Um az do flirt .....	173
<b>As grandes descobertas</b>	
Uma grande invenção .....	183
Amor impossível ou gargarejo fatal .....	191
A guerra do futuro .....	201
A chuva d'ouro... americano .....	207
Do caixão á cova ao caixão ao forno .....	215
Algumas das maravilhas do futuro.....	221
A ultima palavra na industria dos meninos ...	229
Alguns inconvenientes do progresso.....	235
<b>Dos transe que o transitio traz aos transeuntes</b>	
As primeiras impressões do Inocencio .....	243
Uma tragedia transitoria ....	251
A ditadura do casse-tete .....	261
<b>Esta vida é uma dança</b>	
Uma nova epidemia .....	271
Da arte de bem dançar em toda a sala.....	279
Charlestonomania ...	287